

Política e literatura: Antonio Gramsci e a crítica italiana

DANIELA MUSSI

São Paulo: Alameda, 2014, 186p.

Yuri Brunello*

Com *Política e literatura: Antonio Gramsci e a crítica italiana*, Daniela Mussi realiza uma operação de extrema relevância para os estudos gramscianos. Mais do que nunca, de fato, é preciso resgatar Gramsci dos equívocos panfletários. Muitos dos livros sobre Gramsci que nos últimos anos obtiveram maior visibilidade, principalmente na Itália, caracterizam-se por um uso instrumental de Gramsci no contexto das polêmicas do momento. Dois exemplos: enquanto o bem sucedido volume *I due carceri di Gramsci* [Os dois cárceres de Gramsci] (2012), de Franco Lo Piparo volta-se mais contra Togliatti e o Partido Comunista Italiano do que em favor de uma análise rigorosa do pensamento gramsciano, o livro *Antonio Gramsci* (2015) de Diego Fusaro, filósofo de considerável sucesso nos *mass media* italianos, propõe uma espécie de Gramsci pensador identitário antieuro e das pequenas pátrias.

Felizmente este trabalho de Daniela Mussi contém uma perspectiva voltada não para a contingência, mas sim para uma análise do pensamento gramsciano visada a valorizar a singularidade deste. Ainda hoje é válido o que Michel Foucault declarou acerca de Gramsci numa carta privada de 1984 – conforme lembrou na edição norte-americana dos *Cadernos do cárcere* um grande pesquisador gramsciano como Joseph Buttigieg –, Gramsci “é um autor mais frequentemente

* Professor da Universidade Federal do Ceará. E-mail: yuri.brunello@ufc.br.

citado do que realmente conhecido”. *Política e literatura* mantém sempre as ideias de Gramsci em primeiro plano: o recorte metodológico é extremamente meticuloso, a partir da premissa da inteira pesquisa, ou seja, a inclusão da visão gramsciana sobre a arte e a realidade dentro da perspectiva social e cultural, corretamente historicizada, da expansão da estrutura do Estado-Nação. No *Caderno 21*, observa a autora, “Gramsci articulou sua reflexão sobre a literatura ao redor da ideia do surgimento de um novo equilíbrio de forças”, que “coincidia com o desenvolvimento do capitalismo e com a formação dos Estados nacionais e fizera emergir a ‘questão literária’” (p.39-40). Em *Política e literatura*, segundo uma pertinente escolha de método, as condições concretas que possibilitaram o surgimento das reflexões literárias gramscianas nunca são negligenciadas. Isso significa que Daniela Mussi nunca cai na armadilha da abstração hermenêutica e não tenta mostrar uma pretensa “atualidade” das reflexões de Gramsci sobre a literatura: as ideias estéticas gramscianas não são além do tempo e do espaço.

Essa crucial premissa parte de um pressuposto teórico que a autora, mesmo não o explicitando, ressalta no curso da prática exegética que ela leva adiante: o pensamento de Gramsci sobre a arte não é uma estética. Nos *Cadernos* o historicismo de Gramsci alcança o seu estado mais refinado: historicizar tudo, e sempre, como compreende Gramsci, implica a revisão da própria visão estética, a qual também necessita ser historicizada. Não é por acaso que o pensador italiano afirma que “sendo o homem um devir histórico, também o conhecimento e a realidade são um devir”. Uma metodologia, portanto, não pode permanecer na dimensão abstrata das “Estéticas” filosóficas. Mussi entendeu com muita clareza que o papel de relativização de qualquer tentação em favor da construção de uma “Estética” nos *Cadernos* é desenvolvido pela política. Novamente, não sem propósito, o título deste livro subordina justamente a literatura à política.

Parte desta dinâmica de politização da literatura, analisada na obra da autora, a decisão de dedicar o segundo capítulo à opção gramsciana de recuperação de um pensador do século XIX como Francesco De Sanctis. Através das palavras do pesquisador italiano Riccardo Scrivano, De Sanctis “refutava a noção de sistema, ou seja, a concepção sistemática da filosofia e do pensamento em geral” (p.66).

Com efeito, De Sanctis é um teórico da literatura totalmente assistemático e decididamente *engagé* e, por isso, Gramsci o usa em função de oposição ao pensamento de Benedetto Croce, filósofo do qual tratam as reflexões do terceiro capítulo de *Política e literatura*. Daniela Mussi mostra como Croce, interpretando De Sanctis, tentou tornar este último “um intelectual elitista”, que “concebiam a ciência como separada da ‘coisa’ e fazia dessa separação o fundamento de uma superioridade estética” (p.116). Os últimos dois capítulos de *Política e literatura* explicam como nos *Cadernos* essa interpretação crociana passou por uma reviravolta. A autora afirma: “sobre o olhar ‘em tempo real’ de De Sanctis, o Risorgimento italiano mantinha um caráter não nacional-popular” (p.145). Tal caráter, segundo Gramsci, foi nocivo à busca de hegemonia necessária às classes

subalternas para a obtenção do poder e a sua transformação. Eis porque aparece indispensável a construção de um pensamento contra-crociano. E o estudo em profundidade da significação da proposta gramsciana de um pensamento anticrociano ocupa as páginas finais de *Política e literatura*. Mussi explica como e por que a crítica literária desenvolvida por Gramsci era “parte da reforma intelectual e moral do povo italiano, conduzida ‘de baixo’. Essa crítica deveria apontar, sempre, para a formação de novas camadas intelectuais, críticas de sua realidade e criativas para pensar e realizar uma cultura nova” (p.172).

Daniela Mussi acerta o alvo. De fato, nos *Cadernos* Gramsci reformula o seu crocianismo, revirando-o e tornando-o subalterno ao materialismo histórico. Ele concorda com o Croce do *Breviário de estética* acerca do fato de que a arte pode ser apresentada “como conteúdo ou como forma, desde que se entenda sempre que o conteúdo é formado e a forma é preenchida, que o sentimento é figurado e a figura é figura sentida”. Mas no *Caderno II* acrescenta: “a identificação de conteúdo e forma é afirmada pela estética idealística (Croce), mas sobre pressupostos idealísticos e com terminologia idealística”. O que diverge entre a posição de Gramsci e aquela de Croce é o conceito de historicidade. No *Caderno 14*, para Gramsci, “‘conteúdo e forma’, além de um significado ‘estético’, têm também um significado ‘histórico’. Forma ‘histórica’ significa uma determinada linguagem, como ‘conteúdo’ indica um determinado modo de pensar”. Gramsci demonstra assim compreender perfeitamente que conteúdo e forma, assim como sentimento e imagem, não fluam crocianamente numa dimensão ideal do espírito. Não por acaso, a teoria estética crociana julgada no *Caderno 14* caracteriza-se teoricamente pelo “‘individualismo’ artístico expressivo anti-histórico (ou antissocial, ou anti-nacionalpopular)”, enquanto pela visão estética de Gramsci conteúdo e forma, sentimento e imagem pertencem a um repertório plural: tantos conteúdos, formas, sentimentos e imagens, em contínua evolução, cujos limites e cuja conotação são cada vez mais determinados pelos diferentes contextos históricos e culturais.

Lutando para reformar a cultura, então, conforme o *Caderno 21*, “chega-se a modificar o ‘conteúdo’ da arte, trabalha-se a criar uma nova arte, não do externo (pretendendo uma arte didascálica, a tese, moralística), mas do íntimo, porque se modifica todo o homem, modificando-se os sentimentos dele, as suas concepções e as relações das quais o homem é a expressão necessária”. Daniela Mussi está certíssima em relevar uma continuidade teórica entre Gramsci e De Sanctis. É justamente no rastro de De Sanctis que Gramsci no *Caderno 23* observa que para não julgar as obras de arte segundo uma perspectiva “frigidamente estética”, é preciso considerar “a coerência lógica e histórico-atual das massas de sentimentos representados”. Essa coerência – ou seja, um fato formal – investe tanto os sentimentos quanto as suas implicações lógico-histórico-rationais.

Política e literatura, em suma, é um texto que não pode não despertar o interesse, seja de quem pesquisa Gramsci, seja de quem estuda as relações entre estética e política.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A origem da noção de ontologia de Lukács
Nicolas Tertulian

O espaço político em Marx
Adriano Codato

Classe operária e classes médias
John Milios e George Economakis

Marxismo e movimentos sociais
Andréia Galvão

O PCB e o governo nacionalista e democrático
Anita Leocádia Prestes

32